

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospicio 85

Preço da assignatura por mez

Para a Corte..... 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A DESFORRA DE UM DEFUNTO

VIII

(Continuação.)

No momento, porém, em que ia transpol-a, voltou-se contrahindo as sobrancelhas, e trocou rapido olhar com o companheiro.

— Olá!... Não ouviste, Jaguar? perguntou baixando a voz.

— Percebi uns sons vagos, respondeu o interpellado.

— A polícia, talvez!

— Bem o receio.

E os dous companheiros se inclinaram para melhor escutarem.

— Outra vez! murmurou Rougeot-Cadet ao cabo de um instante.

— Fizeram rumor no compartimento vizinho.

— Então, ponhamo-nos na picada. Agora que conhecemos a tramoia... não carecemos mais que nos acompanhem, e voltaremos amanhã...

E, sem mais se demorarem, os dous amigos alcançaram a porta por onde tinham entrado e desapareceram na escada.

Dumont ficára sozinho, mais morto do que vivo.

Não tivera forças para seguir os; estava aterrado, pensando que ia ser apanhado e que jamais acreditariam nas justificações que elle pudesse apresentar.

Como sem dúvida se adivinhou, o rumor que determinaria a fuga de Rougeot-Cadet e de seu companheiro fôra causado por Didier.

Sabia este perfeitamente que Rougeot-Cadet não se aventuraria a travar uma luta que podia polo novamente em poder da justiça. O galé evadido nenhuma vontade tinha de voltar para o presidio, e Didier não se enganára pensando que o menor signal de alerta pol-o-hia em fuga.

E, pois, logo que elles se afastaram, empurrou a porta e caminhou a passo firme para Dumont.

Este ultimo estava pallido e quasi desfalecido... Estendeu para o recemchegado as mãos supplices, como para implorar misericordia.

— Não sou culpado, exclamou em tom de desespero; não me perca... eu lhe direi tudo.

— Quem é que falla em perde-lo? respondeu Didier. Quero unicamente saber por que motivo se acha aqui, e o que fazia em companhia dos dous miseráveis que acabam de fugir.

E, vendo que Dumont se conservava calado:

— Tome cuidado, continuou Didier; posso entregar-o á autoridade... surpreendi-o, de noite, em uma casa inhabitada... Que motivo, senão o roubo, poderia attrahil-o aqui?

— Tem razão, balbuciou o desventurado.

— E, se hesitar em dar explicações completas, se procurar salvar esses miseráveis...

Dumont fez um movimento de protesto.

— Oh! não é desses homens que se trata! interrompeu elle com vehemencia.

— De quem é então?

— Da condessa d'Orvado e do conde des Aiglades.

— Conhece essas pessoas?

— Ha dez annos.

— Em que occasião os conheceu?

— Isso é uma verdadeira historia, e, se o senhor me promettesse não me entregar á justiça, deixar-me partir, eu lh'a contaria.

— Mas em que pôde essa historia interessar-me? disse Didier, achando conveniente não se mostrar muito curioso.

— E' que ella é realmente estranha, respondeu Dumont; tem particularidades que me parecem obscuras. Quando, porém, eu lh'a houver contado, o senhor comprehenderá sem duvida.

— Pois seja, seja, meu amigo! disse Didier; eu o ouço, e asseguro-lhe que o meu maior desejo é ficar convencido da sua innocencia.

E sentou-se junto do operario, disposto a escutar.

Secreto instincto lhe dizia que no mysterio que lhe ia ser revelado encontraria talvez uma arma contra o conde ou contra Clotilde.

IX

A sentença que condemnára Didier a galés perpetuas tinha-o ao mesmo tempo ferido de morte civil.

Era uma lei cruelissima... não deixava esperança alguma, nenhum interesse de arrependimento ao individuo sobre quem recahia.

No dia seguinte ao da condemnação, o réo era amputado da sociedade, absolutamente como se houvesse cessado de viver.

O seu testamento era aberto, e seus filhos e sua mulher, se elle era casado e pai, herdavam imediatamente os seus haveres.

Melhor fôra para elle ter morrido realmente, pois que a sua situação se assemelhava á do homem que tivesse sido enterrado vivo.

Preparando a horrivel machinação com cujo auxilio Didier fôra declarado réo de homicidio, o conde des Aiglades havia previsto tudo, e no dia seguinte áquelle em que a infeliz victimâ partia de Bicêtre, apresentava-se elle em casa de Clotilde com a intenção de reclamar a recompensa do seu crime.

Clotilde estava viúva, elle podia casar-se com ella.

Tinha sido este o seu unico fim, procedendo como procedera.

A moça, porém, havia reflectido.

O que acabava de se passar esclarecera-a; depois de haver dado um passo naquella senda sangrenta, amendrontara-se.

Não queria ir além.

E depois... para que fim?... que interesse tinha em unir o seu destino ao do conde, de um modo definito?...

Além de que, encontrava naquella nova situação a segurança que podia desejar.

O conde tinha sido imprudente, como o são todos os ambiciosos.

Tinha escripto!

Clotilde conservava cartas delle, nas quaes o crime da rua Soly era narrado sem reticencias.

Clotilde era sua complice então, e para com um complice pouco constrangimento ha.

A principio, a moça não prestára grande attenção á primeira carta que recebêra.

Com as seguintes, porém, foi muito differente.

E quando o conde de Aiglades lhe fallou em casamento, ella encarou-o admirada e um sorriso de finura lhe arregâcou o canto dos labios.

— Casar-me! disse; o senhor quer que eu me torne condessa das Aiglades?

— Otr'ora, em Havana, era esse o nosso sonho.

— Sem duvida.

— Visto que hoje esse sonho se pôde realizar...

Clotilde meneou lentamente a cabeça.

— Seria uma loucura, respondeu. Estou viúva, isto é, livre, e pensa que vou tomar um outro senhor?

— Diga um esposo.

— E' a mesma cousa.

— Entretanto, eu tinha esperado...

— Pois fazia mal.

— Ah! a senhora depressa se esquece... do crime da rua Soly... e deveria lembrar-se algumas vezes de que foi minha complice.

O tom em que o conde das Aiglades fallava era firme e brusco.

Clotilde lançou-lhe um olhar ironico.

— Que quer dizer com isso? perguntou com autoridade. Recebi, é verdade, cartas suas que podiam comprometter-lo e que fiz mal em não entregar á justiça; mas é um esquecimento que será facil remediar... quando o senhor a isso me coagir.

— Então conservou-as?

— Fiz mal?

— E quer agora fazer dellas uma arma contra mim?

Clotilde encolheu os hombros.

— A minha justificação, disse ella, está nestas simples palavras. Se eu não tivesse suas cartas, estaria quasi á sua mercê, ao passo que presentemente é o senhor que está dependente de mim.

O conde calou-se; mas, a começar daquelle momento, não teve elle outra idéa senão a de entrar de novo na posse de suas cartas; e tel-o-hia conseguido talvez, se Clotilde não tivesse tomado imediatamente as necessarias cautelas para collocar o seu deposito ao abrigo de toda e qualquer tentativa.

Dumont foi, pois, chamado uma noite ao palacete d'Orvado, e tinha sido elle quem construiria o mysterioso escondrijo.

Era o operario um homem honesto e podia-se confiar na sua discrição; mas era fraco tambem: bebia algumas vezes, e quando bebia tornava-se um tagarella.

Fizeram-no dar á lingua.

O attentado da rua Soly tinha sido planejado pelo conde des Aiglades e posto em execução por Polichinello e Rougeot-Cadet.

O conde convenceu a este ultimo de que era do interesse de ambos não deixar semelhantes armas em poder de Clotilde. Carecia daquellas cartas, — e oferecia por elles um preço consideravel. Rougeot-Cadet resolveu-se a intervir, e uma noite arrastrou o desventurado Dumont.

Eis o que explicava a presença deste ultimo no palacete d'Orvado.

Dumont não contou a Didier tudo quanto acabamos de referir mas esta adivinhou o que elle não lhe disse.

Fez imediatamente idéa do que se passára entre Clotilde e o conde, no dia seguinte ao da sua condenação, e comprehendeu que para elle a verdadeira probabilidade de salvação, de vingança e de rehabilitação estava de então em diante na posse daquellas cartas.

O escondrijo, porém, achava-se vazio.

Clotilde, que sahira de Pariz e partira para Havana, não tinha deixado de levar consigo aquelles preciosos documentos.

Não havia, portanto, esperança de apoderar-se delles, quer por meio da violencia, quer por meio do ardil, senão seguindo passo a passo os dous complices e espreitando o ensejo favoravel.

Polichinello não teria certamente deixado de lhes comunicar a morte de Didier, sobre a qual ninguem no presidio teria admittido a menor duvida. O conde e Clotilde deviam, pois, acreditar-se em completa segurança, e Jorge podia ter a esperança de sorpreendel-os e conseguir a posse das cartas que continham, com a prova de sua innocencia, a arma certa da sua vingança.

Desde então, nada mais o detinha em Pariz.

Morta Helena, sua filha desapparecida, ficava elle só, inteiramente só no mundo, e seu coração, despojado de todo o affecto humano, podia de então em diante entregar-se inteiramente ao odio.

FIM DO PROLOGO.

I

Alguns annos eram passados depois dos acontecimentos que referimos no prologo desta narração.

Em uma noite do mez de Abril, a diligencia de Pariz estacionava em Saint-Brieuc, á porta do hotel do Universo, que era então, como é hoje, um dos melhores hoteis da Bretanha.

O conductor, com a lista na mão, chamava com voz de stentor um viajante que não se dava pressa em chegar:

— Gontran! chamava elle; Sr. Gontran!

E os passageiros da diligencia, tanto os da almofada como os do interior, já havia muito tempo accommodados, debruçavam-se para fóra do vehiculo, sem dissimular a irritação que lhes causava aquella demora.

Afinal, cansado de esperar, o conductor subiu os degráos da boleia tão levemente quanto lh'o permittia a sua notavel corpulencia, e ia pronunciar as palavras sacramentaes: «A caminho!» quando um moço, escalando em tres saltos a carruagem, foi tomar logar ao lado delle na almofada.

— E' o Sr. Gontran? perguntou o conductor voltando-se para o recem-chegado.

— Sou eu mesmo, respondeu este ultimo.

— Então, a caminho!

O chicote estalou, o conductor tocou uma trombeta, e o pesado vehiculo abalou a calçada da cidade.

O moço que demorara alguns momentos a partida da diligencia era um rapaz alto e bonito, bem feito de corpo, que differia dos mocos da sua idade.

Não pertencia nem de perto nem de longe a essa especie de peralvilhos febris que aos vinte e dous annos têm esbanjado os thesouros da mocidade, e já se sentem fracos e sem vigor. Era a primeira vez que elle vinha a Pariz e fazia tão longa viagem. Nunca havia sahido da Bretanha, e conservara-se moço no corpo e na alma. O seu andar elegante e desembaraçado, a sua seductora vivacidade, o olhar limpido e ardente de seus bonitos olhos diziam-n'o eloquente mente.

Todo elle respirava um ar particular de audacia e de resolução, e, para precisar ainda melhor, accrescentaremos que parecia descender dessa familia de seres aventurosos e sympathicos que devem a vida ao mais fecundo e ao mais celebre de nossos romancistas.

Unicamense, se elle possuia a bravura de Coconas, a veia espirituosa d'Artagnan, trazia impresso na fronte o cunho de uma melancolia que o tornava decidamente uma personagem mais moderna e o ligava mais directamente ao periodo romantico.

Donde vinha? para onde ia? De um ponto ignorado para outro ponto ignorado!

O seu passado era cheio de mysterio. Atraz, adiante de si, não via elle senão sombras duvidosas.

Chamavam-no Gontran, e nada mais.

Seus pais existiriam ainda?

Seria para elles um objecto de compaixão ou vergonha?

Ninguem lh'o havia dito.

Segui-o-hiam os olhos de uma māi, em segredo, com um olhar enternecido?

Elle o acreditaria muitas vezes.

Concluidos os seus estudos, tinha ido refugiar-se no campo, junto de um soldado veterano cujo coração lhe dedicaria paternal affeção. Era o unico ente que o amava.

O soldado devia conhecer-lhe os pais, mas tinha sido sempre impenetravel. Limitava-se a estimá-lo e a entregar-lhe regularmente a modica pensão annual que lhe abonavam.

Dous annos tinham decorrido, ao sahir do collegio, perto daquelle amigo de sua infancia, sem que elle tirasse daquellas longas férias outro proveito senão aperfeiçoar-se na arte dos Grisier e dos Gâtechair.

O veterano, antigo mestre de armas, depois de haver chamado Gontran seu filho, não o chamava mais senão seu discípulo.

Mas ah! não existe arte por mais maravilhosa que seja em que o discípulo não possa um dia igualar o mestre.

Ao cabo de dous annos, sem que o excellente homem se apercebesse, Gontran não se deixava mais tocar senão por deferencia.

Houve mesmo um dia em que elle se esqueceu, e o seu florete foi tocar o peito do bravo soldado.

Foi um dia cruel aquelle.

Gontran ficou todo confuso, e o veterano me neou a cabeça com tristeza.

— Bom! disse elle bruscamente; vejo que não tenho mais nada que ensinar-te.

E vergastou o ar com o seu florete humilhado.

Em vão Gontran lhe offereceu a desforra.

— Nunca pedi desforra, replicou o antigo mestre de armas. E, agora, é demasiado tarde para começar.

— Nesse caso, uma ultima lição; implorou o moço.

— Não, meu filho, não; demais, este incidente me esclarece a tempo. E' uma advertencia. Tens necessidade de um outro theatro. E's moço, valente, instruido; só em Pariz é que poderás encontrar logar para todas essas qualidades. Seria egoismo de minha parte conservar-te por mais tempo aqui!

Gontran aceitou esta proposta com ardor bem natural na sua idade.

Tardava-lhe já vêr a sociedade, tomar parte nas suas lutas e nos seus prazeres, e foi sob o imperio de mil sentimentos vagos, incertos, mas poderosos, que elle se dirigiu para aquella capital que tantas vezes tinha visto resplandecer no horizonte de seus sonhos.

Durante as primeiras horas, pouca attenção prestou elle aos esplendidos quadros que a noite estrellada desenrolava a um e outro lado do caminho.

A unica idéa que o preocupava era Pariz, a unica curiosidade que havia nelle tinha por objecto o eterno enigma que a monstruosa esphynge conserva em reserva para os recem-chegados...

Brusca parada da diligencia e quinze gritos de susto que os passageiros soltaram arrancaram-no de subito aos sonhos que o embeveciam.

— Com mil demonios! praguejou o conductor; por que diabo este animal faz parar os cavallos?

— E esta! respondeu o postilhão, apertando as guias; devo então esmagar os outros sem mais nem menos?

— Os outros, quem?

— Aquelle homem que alli está...

— Onde?

— Atravessado no caminho.

O conductor tinha já pulado no chão, e, tirando uma das lanternas da diligencia, adiantara-se para a frente dos cavallos.

Quando chegou ao logar designado pelo postilhão, abaiou-se para vêr o que era, e não pôde conter um gesto de surpresa e espanto.

— Que é? perguntou Gontran, que o seguira de perto.

— Veja o senhor mesmo, respondeu o conductor.

E Gontran viu a seus pés um homem estendido sem movimento, com a roupa lacerada, o semblante pallido e tendo na fronte um largo ferimento.

II

Ao ruido que se fazia, o ferido tinha, entretanto, aberto os olhos e olhava desvairado em torno de si, como se procurasse comprehender o que se havia passado.

— Oh! Vai melhor! disse Gontran, ajudando-o a sentar-se, ao passo que por seu lado o conductor approximava-lhe aos labios um frasco de aguardente.

— Muito melhor, com effeito! respondeu o desconhecido.

— E quem diabo o pôz nesse estado?

— Uns miseraveis que queriam despojar-me.

— Atacaram-n'ó?

— Ha cerca de meia hora.

— Donde vem o senhor?

— De Brest.

— Os seus adversarios eram muitos?

— Eram dous... eu tinha apenas um pão para defender-me... atacaram-me á traição, e no escuro, comprehendem...

— Perfeitamente; mais dez passos, e o senhor estaria esmagado.

— Foi o que me fez recuperar os sentidos. Eu estava apenas atordoado, ao que parece; quando ouvi o tropel dos cavallos, fiz um esforço; gritei e tentei arredar-me para o lado da estrada.

— Mas que tencionava fazer agora?

— Nem sei... desembarquei do *Nereida* ha tres dias. Tinha algum dinheiro para a viagem... elles roubaram-me tudo.

— Isso é o diabo.

— Se ao menos eu pudesse ir até Rennes...

— Conhece lá alguem?

— Um parente por parte de minha mulher... com certeza elle não me deixaria em apuros.

Gontran trocou com o conductor um rapido olhar.

— Se não se trata senão de ir até Rennes, disse o conductor, a cousa se pode remediar...

— Como assim? perguntou o marinheiro.

— Diga, sente o pé e a mão bastante solidos para galgar até á almofada!

— Oh! os ovens não me assustam.

— E, se fôr necessario, podêremos içal-o, declarou Gontran.

— Seja como fôr, aceito, meu commandante.

— Bem! concluiu o conductor; vamos a isso, e quanto antes... senão, terei de pagar multa pelas demoras não justificadas.

O marinheiro foi içado para a almofada, sentou-se ao lado de Gontran, e a diligencia partiu de novo, ao galope dos seus cinco cavallos.

Haviam perdido um quarto de hora com aquelle incidente, e tratava-se de recuperá-lo.

Durante uma hora ainda, Gontran occupou-se, com interesse, do seu vizinho, emprestou-lhe o lenço para atar á testa, que sangrava, e tranquillisou-o ácerca das consequencias de seu ferimento. Depois o cansaço se apoderou dele, o somno pesou-lhe nas palpebras, e não tardou que fechasse os olhos e adormecesse.

O balanço regular da diligencia embalava-o docemente; mil sonhos seductores fallavam-lhe do futuro; não tencionava acordar.

Entretanto, ao cabo de algum tempo, experimentou uma sensação estranha.

Atravez do sonno, pareceu-lhe que alguém lhe introduzia mysteriosamente a mão na algibeira e que essa mão remechia-lhe na bolsa.

Fez um movimento instinctivo e ergueu-se um pouco.

O céo estava sombrío, os cavallos da diligencia continuavam a avançar, estimulados pela voz monotonâ do postilhão. Quanto a seu companheiro, dormia com a cabeça apoiada ao seu ombro.

Era alguma allucinação.

Examinou elle a algibeira...

A bolsa conservava-se alli...

Teve quasi vexame de suas suspeitas, e, tomindo de novo a sua posição primitiva, apressou-se em pedir ao sonno a continuaçao dos sonhos seductores que interrompêra bruscamente.

Quando tornou a despertar, a diligencia estava parada e mudavam os animaes.

Sacudiu-se com energia, abarcou em rapido olhar o panorama da cidade de Rennes que se desenrolava no fundo do horizonte, o afinal voltou-se para o companheiro.

Com grande surpresa sua, porém, este ultimo já não estava na almofada.

A sua primeira idéa foi que o homem havia decidido para saciar a sede na hospedaria da Posta; quando, porém, se debruçou para fóra afim de certificar-se, não pôde conter um gesto de espanto.

A diligencia estava rodeada de soldados de polícia.

Tratou ella de indagar immediatamente o que era.

(Continua no proximo numero.)